

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		1 de 33									

**WHITLEY, J.**

**2001. The city, the state and the polis. In: *The Archaeology of Ancient Greece*. Cambridge University Press: 165-194.**

**[tradução: Maria B. B. Florenzano; revisão Labeca]<sup>1</sup>**

## **1. A pólis: cidade ou estado?**

O Estado grego típico do período clássico era a pólis: esta é ao menos a posição mais aceita entre historiadores e arqueólogos que se dedicam ao estudo da antiguidade. O fato de uma pólis clássica, tal como Atenas, ser um Estado é algo realmente inegável. Uma unidade política (*polity*) que conseguia mobilizar uma armada de mais de cem trirremes e ainda colocar em campo um exército de vários miles de soldados está de acordo com a maior parte dos critérios organizacionais usados pelos cientistas políticos para definir um Estado (os arqueólogos, naturalmente, sensibilizam-se mais pelo fato de que a Atenas clássica foi capaz de criar muitos monumentos públicos duradouros). Atenas é, como sempre, uma exceção. Mas, os Estados clássicos tais como Esparta, Corinto ou Tebas eram feitos nitidamente da mesma liga. Historiadores e arqueólogos da Grécia arcaica, naturalmente, preocuparam-se com o como, o quando e o porque esse tipo de Estado se desenvolveu. O “surgimento da pólis” pode ser um exemplo muito direto de “formação do estado”, um processo que pode encontrar paralelos em muitas outras épocas e lugares. Mas, a questão do “como, quando e porque a pólis surgiu” não é, de forma alguma, uma questão direta. Trata-se de uma questão repleta de falsos juízos. Há uma série de razões para este estado insatisfatório das coisas.

Em primeiro lugar, o termo pólis é, ele mesmo, ambíguo. Pólis em grego pode significar uma de duas coisas: o centro urbano real de uma comunidade, sua cidade principal; e a comunidade política, ela mesma, o estado e os cidadãos. É claro, há uma outra palavra em grego – *ásty* – que significa simplesmente cidade e, algumas vezes, (como na [*Odisséia* VI.175-9]) faz-se uma distinção entre *ásty* e pólis. Mas, mais frequentemente, não é feita qualquer distinção e pólis significa tanto ‘comunidade’ quanto ‘cidade’. Portanto, a pergunta “Quando surgiu a pólis?” é, de fato duas perguntas. Quando este tipo específico de estado

<sup>1</sup> Este capítulo foi traduzido sem as notas de rodapé. Entretanto, quando o autor menciona especificamente algum outro autor no decorrer de um argumento, indicações sucintas foram inseridas no texto e ao final, o leitor encontrará a bibliografia com as referências completas.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		2 de 33									

que chamamos de pólis surgiu? E quando surgem as cidades na Grécia? Agora, pode-se pensar que a primeira necessariamente incorpora a última. A palavra pólis é usualmente traduzida, em português, como ‘cidade-estado’, como se o centro de todo estado grego fosse fundado numa cidade deste tipo. No lado ocidental da Grécia balcânica, outro tipo de comunidade política – o *éthnos* – prevalecia. *Éthne* (plural de *éthnos*) eram estados federais, formados por um número de grandes aldeias ou pequenas cidades. A maior cidade no *éthnos* da Etólia era, provavelmente, Kalydon, mas esta não era de forma alguma a sua capital. As decisões federais eram feitas no santuário de Apolo em Térmon. Até mesmo os estados fundados em uma cidade central como Argos, Corinto e Atenas eram menos urbanos do que pode parecer pelo uso do termo ‘cidade estado’. No início do período arcaico, as cidades principais não eram nada urbanas, se por urbano entendermos um grande assentamento cujos habitantes viviam não de suas terras mas de atividades secundárias como o grande comércio, o varejo, a produção artesanal, o exercício de algum sacerdócio ou de alguma atividade política ou administrativa. Os processos de urbanização e de formação do estado foram, com efeito, processos separados. Como Runciman já assinalou, o termo pólis foi mal construído: *uma pólis é um tipo de sociedade para a qual o rótulo correto não é ‘cidade-estado’ mas, sim, estado-cidadão. Não há necessidade de haver um centro urbano dominando um interior rural – o que excluiria Esparta* (Runciman, 1990: 348). Segue-se desta definição que, pelo menos na Grécia, a formação do estado representa o desenvolvimento de uma ideologia particular, uma ideologia de cidadania. Se foi isso que ocorreu, podemos perguntar quais tipos de teorias podem nos ajudar a entender este processo?

A teoria sobre a formação do estado é muito diversificada. Por estranho que pareça, mesmo nos tempos áureos do difusionismo, poucos sugeriram que a pólis grega estivesse modelada a partir de um protótipo do Próximo Oriente. Mais recentemente, entretanto, Bernal percebeu que as cidades fenícias e as gregas compartilhavam traços comuns. Tanto a pólis grega quanto a cidade-estado fenícia, como Tiro, possuíam centros urbanos, um santuário central dedicado a uma divindade padroeira e pequenas áreas rurais. Ambas as sociedades usavam a escrita alfabética (Bernal 1991 e Snodgrass, 1980: 32). Mas, com exceção de Cartago no século IV a.C.<sup>2</sup>, nenhum estado fenício era uma república, muito menos um ‘estado-cidadão’. A monarquia prevaleceu em boa parte do Levante, incluindo a Fenícia. Outros estudiosos procuraram analogias da pólis grega em

<sup>2</sup> Todas as datas nesta tradução são antes de Cristo (a.C.) a não ser que venha assinalado diferentemente.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		3 de 33									

outras partes do Mediterrâneo. Renfrew fundamentou o seu 'Módulo do Estado Inicial' principalmente na Etrúria. As cidades-estado etruscas realmente parecem ter mais ou menos um tamanho uniforme, tendo cada qual um centro urbano e um território em torno de 1500 km<sup>2</sup> (Renfrew, 1975: 12-21). Mesmo assim, o modelo de Renfrew não consegue acomodar o caso grego. As primeiras pólis gregas podiam tanto ser muito grandes (como é o caso de Esparta) quanto muito menores (como no caso de Fleius, no noroeste do Peloponeso) do que o previsível no modelo de Renfrew. Da mesma forma, o conceito de 'interação entre unidades políticas pares' (*peer-polity interaction*) pode nos ajudar a explicar porque os estados iniciais de uma dada esfera cultural (ou civilização) tomaram emprestado continuamente ideias e estilos artísticos uns dos outros, mas nos diz pouco sobre a origem de um sistema particular específico (Renfrew, 1986; Snodgrass, 1986).

A maior parte da teoria arqueológica que diz respeito à formação do estado foi desenvolvida pelos estudiosos norte-americanos e foi principalmente aplicada aos casos da Mesopotâmia e da Mesoamérica, historicamente muito diferentes da Grécia mas antropologicamente análogos. Tais teorias tenderam a ver o urbanismo como um corolário necessário à formação do Estado. O urbanismo requer uma especialização artesanal; um sistema econômico cada vez mais diferenciado requer uma hierarquia para a tomada de decisões, o que implica em uma administração (sistema que, por força, se faz valer pelo uso de algum tipo de escrita); uma hierarquia para a tomada de decisões, por sua vez, requer uma ordem social estratificada e uma estrutura de poder para executar as decisões; daqui aparece o estado. Porém, como muitos já assinalaram, o urbanismo e a formação do estado nem sempre foram associados tão intimamente. Os historiadores medievais argumentam com frequência que as cidades apareceram independentemente do estado na Europa ocidental no século XI d.C. Com efeito, se o urbanismo dependesse do comércio, e se o comércio dependesse da mobilidade das pessoas e dos bens, então o urbanismo e o desenvolvimento da ideologia da pólis – ideologia que acentua as obrigações da cidadania e do pertencimento a uma comunidade política – podem funcionar em sentidos opostos. Concretamente, poucos fatos na Grécia arcaica aparecem entre os itens arrolados sobre o surgimento do urbanismo e do estado nas Américas. A administração foi o último elemento e não o primeiro a usar a escrita. Há poucos indícios de que a sociedade grega arcaica tivesse se tornado mais estratificada com o tempo. Com efeito, se pensarmos na pólis como um estado-cidadão e não como uma cidade-estado, teremos que atentar não para uma medida dos

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		4 de 33									

diferentes graus de estratificação social, mas sim procurar os meios de detectar os diferentes tipos de hierarquias sociais.

O surgimento da pólis, parece-nos, apresenta uma série de provas contrárias às várias generalizações antropológicas sobre a formação do estado. Mas, esta afirmação implica que sabemos quando o estado ou a pólis surgiu e que isto ocorreu no início do período arcaico. Isto significa associar o surgimento da pólis ao conjunto de inovações que tiveram lugar ao redor do ano 700. Será que se trata de um argumento circular ou haverá uma confirmação independente para esta perspectiva? Em 1937, Victor Ehrenberg demonstrou que as evidências literárias mais antigas que possuímos para as magistraturas, constituições e leis na Grécia arcaica datam da parte final do século VII (Ehrenberg, 1937). Estas configurações constitucionais pressupõem um período para o seu desenvolvimento. Levando-se isto em consideração, a pólis teria tido origem durante o século VIII. Uma objeção possível a esta inferência é que uma pólis não precisa ser necessariamente um estado e seria apenas no século V que nós encontraríamos toda a panóplia de traços exposta pelas teorias antropológicas norte-americanas. Se assim for, a formação do estado seria um processo gradual de evolução que teve lugar durante todo o período arcaico, mais do que uma revolução súbita no século VIII. Ainda assim, muitos especialistas preferem ver o século VIII como pelo menos um importante divisor de águas na formação dos estados gregos. Snodgrass enfatizou o papel que os santuários e que os primeiros templos monumentais podem ter tido neste processo. Se os primeiros hecatômpedos em Erétria e o *Heraion* de Samos e o primeiro templo de Apolo em Corinto não forem santuários de uma pólis, então o que seriam? Que outro corpo corporativo pode ter proporcionado a força de trabalho necessária e a organização para construí-los? Da mesma forma, De Polignac mostrou que foi nestas áreas da Grécia central onde a pólis surgiu, que encontramos os maiores santuários estatais nas fronteiras daqueles que se transformaram em estados posteriormente. A construção monumental em tais santuários parece ter tido lugar em torno de 700. Que os santuários tivessem sido usados para marcar o território de um estado seria uma inferência plausível. Santuários pan-helênicos, em contraste, foram encontrados nas áreas do oeste da Grécia continental onde as *póleis* eram poucas e onde prevalecia o *éthnos*.

As questões relativas à formação do estado e às origens do urbanismo devem ser, portanto, consideradas separadamente. Se a pólis era um estado-cidadão, então devemos voltar a nossa atenção para o advento de uma ideologia 'cidadã'. A maneira de fazer guerra na Grécia arcaica foi vista, com naturalidade,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		5 de 33									

como um sintoma desta nova ideologia ‘cidadã’. Mais recentemente, o registro de enterramentos foi estudado em detalhe para mostrar as transformações das representações coletivas da morte na sociedade grega. Estas representações idealizadas podem dar informação, não como as coisas aconteciam de fato, mas como elas deveriam acontecer. Neste sentido, os enterramentos são profundamente ideológicos. Por outro lado, para compreender o urbanismo temos que abordar as dimensões totais dos assentamentos, a sua densidade, a sua estrutura. Tendo em vista que a vida urbana (em oposição à vida de aldeia) depende de atividades especializadas, nós também temos que estimar o grau de atividade artesanal, produção especializada e troca. Cidades dependem do comércio e, portanto, do acesso a uma documentação material específica. Mas, tratemos de uma questão bem mais simples: como eram os primeiros assentamentos do período arcaico?

## 2. Casas, assentamentos e espaço urbano

Não faz muito tempo que os especialistas ficaram sabendo como era uma típica cidade grega primitiva. As escavações britânicas e turcas na velha Esmirna (na antiga Jônia, no litoral da moderna Turquia) revelaram um assentamento já bem estabelecido no século IX. A cidade tinha sido cercada por um muro de fortificação a partir de uma época muito antiga. O assentamento concentrava-se em seu interior. Ao final do século VII, a cidade ganhou um templo, muralhas muito maiores, uma fonte para o abastecimento de água e (menos comprovado) uma ágora ou mercado<sup>3</sup>. Os arqueólogos britânicos fizeram, a partir desta documentação, uma reconstituição. As implicações são claras. Temos aqui a pólis de Aristóteles em embrião – uma versão menor e mais simples de Priene, Olinto ou Atenas de época clássica.

As reconstituições são sedutoras. O passado reconstruído é um passado a respeito do qual não temos que pensar mais. É o caso – ainda válido – da reconstituição da velha Esmirna antes do saque de Aliates. Mas, seria enganador tomar esta reconstituição como ícone da pólis grega inicial. Esta reconstituição sugere que a maioria dos centros urbanos das mais antigas pólis eram nucleados, i.e., eram concentrações de habitação humana com espaços utilitários cívicos. As explorações arqueológicas, desde os anos de 1950, minam completamente estas visão. Nem todos os assentamentos nucleados eram ou estavam destinados a

<sup>3</sup> NT: O autor expõe aqui a visão tradicional de que a ágora grega seria equivalente a um mercado. Entretanto, as antigas praças da Grécia apenas assumiram esta função por completo durante a época de dominação romana.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		6 de 33									

ser centros urbanos de pólis e nem todos os centros urbanos primitivos de pólis eram assentamentos nucleados. Corinto, nos séculos VIII e VII, é um caso que pode ser considerado neste sentido. Corinto possui um dos primeiros templos de pedra da antiga Grécia, que é tomado em geral como um sintoma do primeiro urbanismo. Mas, aqui, os mais antigos assentamentos parecem estar dispersos em uma grande área contida em um circuito que posteriormente ficou melhor definido. Com certeza havia uma concentração de casas nas proximidades da colina onde estava o templo e nas proximidades das fontes de Peirene e de Glauke. Mas, esta área de assentamento não era, em verdade, maior do que uma aldeia durante os séculos VIII e VII. No interior do próprio circuito, havia ainda, no século VIII, pequenas aldeias (*hamlets*), cada qual com seu próprio cemitério. Uma destas é aquela que se convencionou chamar de 'Bairro dos Ceramistas' que fica na parte oeste da cidade. O circuito que se construiu ao redor de Corinto em torno do século VII incluía, portanto, uma vasta área (em torno de 4 km<sup>2</sup>), mas uma área ocupada de forma muito dispersa. Antes da construção desses muros, a Acrópole (ou Acrocorinto) tinha servido provavelmente como local de refúgio em tempos de perigo. Este padrão – um grande assentamento, consistindo de um número de aldeias e de aldeias frouxamente agrupadas em torno de uma acrópole – pode ser encontrado em outras partes, na Grécia central. Argos pode ter sido mais densamente povoada, mas ela também tinha a sua acrópole. A julgar pela documentação indireta proveniente de grupos de poços e de áreas de cemitérios, também Atenas poderia se encaixar neste modelo 'coríntio'. Parece que estes assentamentos 'frouxos' eram os maiores. A estimativa de Morris é que no final do século VIII, Atenas possuía cerca de 7.000 habitantes, população que começa se aproximar de uma população urbana (Morris, 1987: 101).

Entretanto, vem de Erétria a documentação que nos permite ter uma ideia melhor de como eram estes assentamentos iniciais (fig. 8.1). A maior parte da cidade foi escavada por equipes suíças e gregas que desvelaram um certo número de terrenos residenciais. Para ser mais preciso, eles encontraram exatamente casas individuais. E, não parece haver qualquer princípio subjacente à sua disposição no terreno. Não há orientação comum e nem um plano claro de disposição de ruas. A impressão é a de domicílios individuais cujo relacionamento fundava-se apenas na proximidade. O único foco da comunidade era o templo de Apolo que, pelo menos no século VIII, era pouca coisa diferente das casas que estavam à sua volta. Este arranjo no terreno (ou a falta dele) foi chamado por Lang de *Einzelhaussiedlung* – assentamento de casa individuais (Lang, 1996: 58-9). Esta disposição no terreno é a mais comum daqueles assentamentos

que mais tarde configurariam os núcleos urbanos das maiores *pólis* gregas. Isto pode parecer estranho à maioria das pessoas. Não seria um princípio básico da organização de uma pólis que cada cidadão devesse sua fidelidade principalmente à comunidade como um todo, mais do que à sua família ou ao seu lar? A subordinação de uma casa individual à planificação geral da comunidade usualmente no formato de uma grade é o princípio que guia as cidades clássicas, princípio registrado em sua forma mais completa em Olinto.

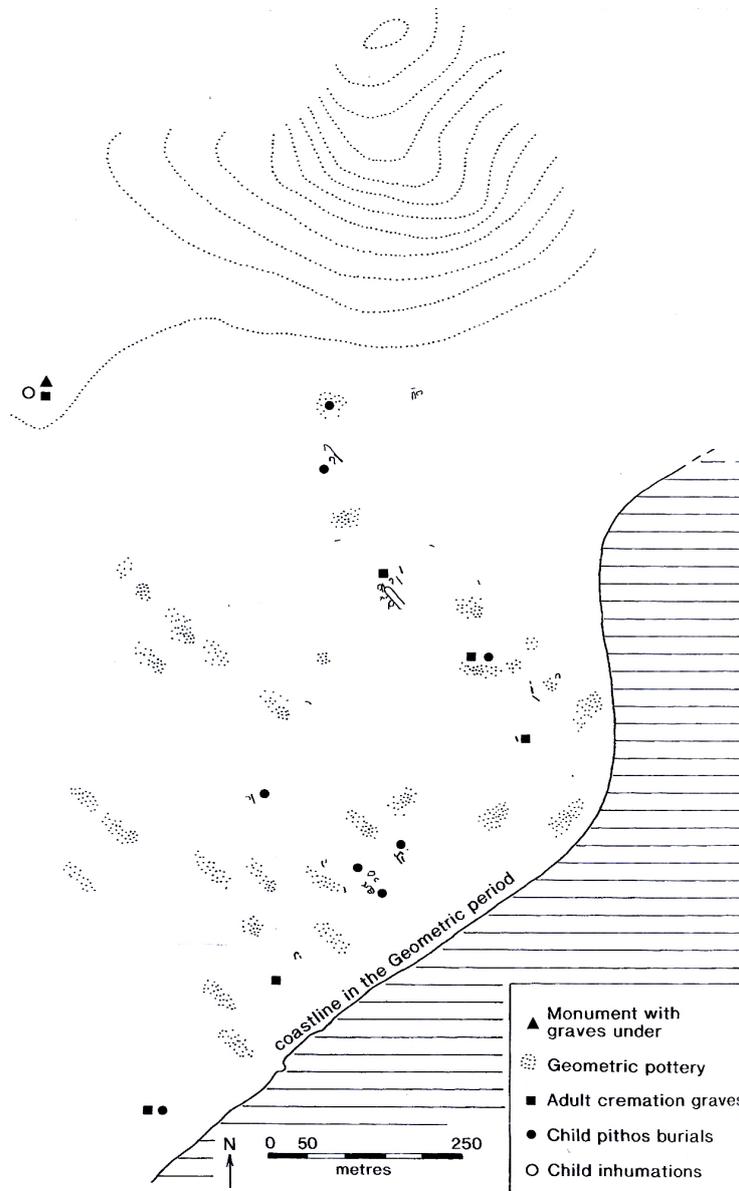


Fig. 8.1 Planta de Eretria no século VIII.

O que é ainda mais estranho é que encontramos algo aparentado a um plano em grade em alguns assentamentos muito antigos. As casas na área H de Zagora,

	<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		8 de 33

na ilha de Andros, por exemplo estavam arrumadas, senão em uma grade, ao menos em um único eixo. Mas, Zagora era um pequeno assentamento, cujos habitantes não podem ter ultrapassado algumas centenas e foi abandonada no início do século VII. Um número de outros assentamentos em ilhas parecem ter também seguido um plano axial. Um desses é Vroulia, bem na pontinha sul da ilha de Rodas. Aqui, terrenos individuais, retangulares, de casas foram dispostos, depois de 700 (fig. 8.2), em duas filas paralelas atrás de um muro de fortificação (fig. 2). Trata-se de um exemplo do que foi chamado por Lang de *Reihensiedlung* – assentamento em fileira (Lang, 1996: 154-7). O assentamento possui seu próprio santuário e cemitério; este último, colocado na parte externa dos muros. Vroulia era claramente uma comunidade, e planejada. Mas, era ainda pequena (pode ter tido apenas algumas centenas de habitantes) e foi efêmera. Nas décadas iniciais do século VI, ela também foi abandonada.

Os planos em grade deste tipo não se limitam aos assentamentos pequenos. Mégara Hibleia, na Sicília, parece ter tido casas dispostas numa grade geral quase desde os tempos da sua fundação. Mas, as comunidades planejadas do tamanho de uma pólis – pelo menos no período arcaico – estão confinadas à área ‘colonial’ grega no Mediterrâneo ocidental. Isto não significa que mudanças importantes não tenham acontecido na ‘Velha Grécia’. Uma dessas foi uma evolução definitiva das formas de casas. As casas ovais e absidais, tão características da Idade do Ferro inicial deixam de ser construídas no decorrer do século VII. Na velha Esmirna, por exemplo, casas ovais individuais foram substituídas por grupos de estruturas retilineares em torno do ano 600. De forma geral, há um movimento de casas de um único cômodo – tipo *mégaron* – para complexos habitacionais de muitos cômodos. Complexos habitacionais multi-cômodos, em geral agrupados em torno de um pátio – foram encontrados em Zagora, datados do século VIII. Estas casas com pátios tornaram-se muito mais comuns durante os séculos VII e VI, sendo um exemplo o edifício F no que mais tarde tornou-se a ágora ateniense (fig. 8.3). Há também uma evolução no tamanho dos assentamentos. Com isso, não quero dizer simplesmente que os assentamentos maiores ficam maiores ainda. Muitos assentamentos pequenos foram abandonados no início do século VI. E isto parece afetar pequenos assentamentos de todos os tipos: tanto *Reihensiedlung* (assentamentos em fileiras) como o de Vroulia, quanto *Einzelhaussiedlung* (assentamentos de casas dispersas) como o de Embório em Quios. Uma explicação aventada é aquela que diz respeito à mudança nos padrões de comércio.

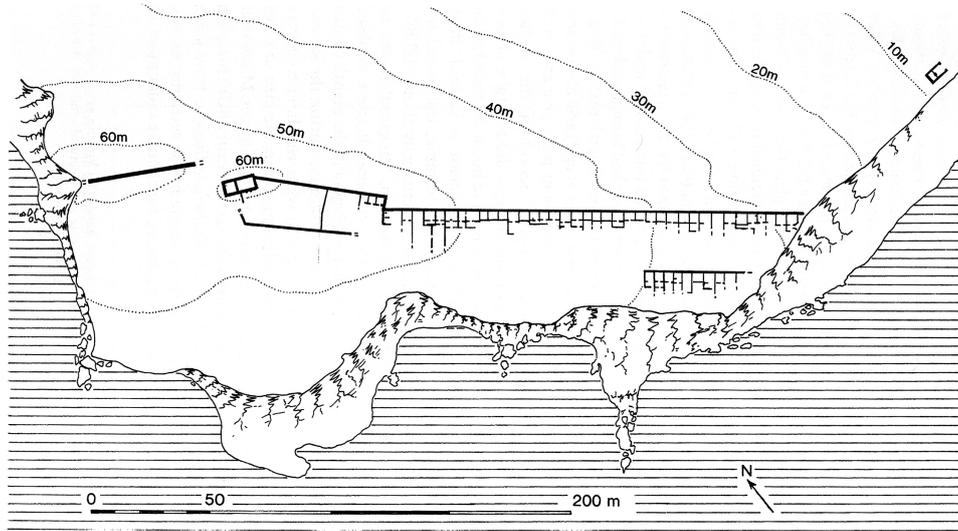


Fig. 8.2 Planta de Vroulia em Rodes.

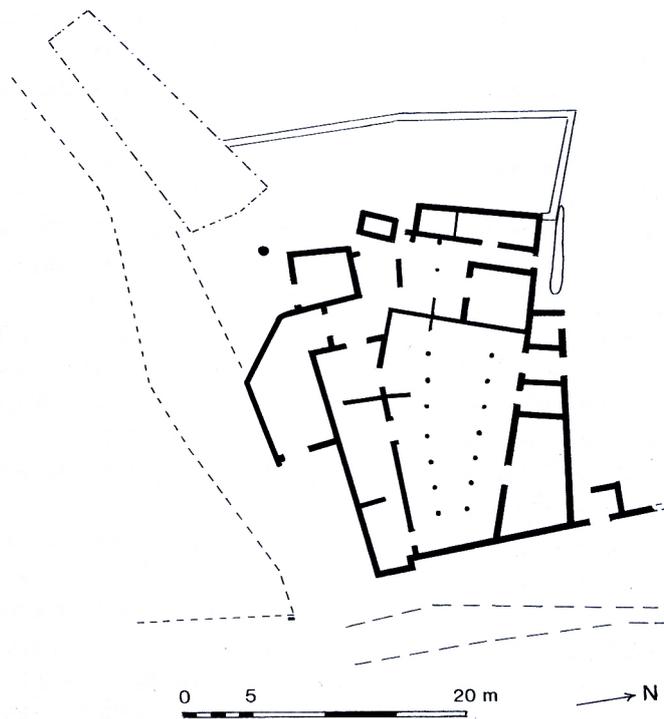


Fig. 8.3 Edifício F na Ágora ateniense.

Mas, não há razão para acreditar que o comércio com o Egito e com o Levante (do qual acredita-se que Vroulia dependesse) tenha diminuído no final do século VII. Há outras razões para que pequenos assentamentos costeiros deste tipo tenham

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		10 de 33									

deixado de ser viáveis. Uma pista talvez seja a arquitetura e o planejamento de Embório. O arqueólogo, John Boardman, interpretou o *mégaron* no topo da colina como a residência do chefe local ou basileu, dominando o pequeno assentamento mais abaixo (Boardman, 1967: 250-1). Assim, o abandono dos pequenos assentamentos pode oferecer uma interpretação política: pequenas comunidades autônomas governadas por basileus não eram mais viáveis no século VI, época em que assentamentos maiores prosperavam como nunca antes.

Grandes assentamentos certamente cresceram. Prospecções de superfície em áreas urbanas de Haliartos e Tespias na Beócia e em Fleius no noroeste do Peloponeso mostraram que o material de superfície de época arcaica é mais abundante do que o material de época geométrica<sup>4</sup>. Morris estima (usando material proveniente de cemitérios) que Atenas que tinha mais ou menos 7.000 habitantes em torno de 700, deveria ter em torno de 20.000 no final do século VI. Atenas e Corinto enfrentavam o problema de acomodar uma população mais numerosa em um plano urbano com casas, vias, santuários e fontes de água que havia crescido de maneira mais orgânica, desordenadamente por décadas. A dimensão da muralha de fortificação de Corinto pode, assim, ser em parte explicada pela necessidade de acomodar um padrão de assentamento previamente existente. Redesenhar a cidade a partir de uma planta, criando uma nova cidade disposta em grade, nunca foi uma proposta real. Mesmo assim, estes grandes assentamentos parecem apresentar um maior interesse pelas utilidades públicas urbanas no século VI, do que haviam apresentado anteriormente. Foi neste século que as jacentes de água de Peirene e de Glauke, em Corinto, tornaram-se pela primeira vez verdadeiras 'fontes' e que a fonte no sudoeste da água foi construída em Atenas. Em Erétria, o rio que no século VIII corria pelo meio da área urbana, no século VII, foi canalizado. Outras mudanças também parecem ser sinal de uma nova identidade da comunidade. Tanto em Corinto quanto em Atenas, no século VIII pequenas áreas de assentamento parecem estar associadas aos seus próprios terrenos de enterramento. No transcorrer dos séculos VII e VI, os enterramentos foram progressivamente sendo retirados das áreas de habitação e colocados fora dos limites da cidade. A diferenciação espacial entre o espaço dos vivos e o dos mortos pode ser vista com maior clareza em Corinto, onde o cemitério norte, estabelecido no século VIII, tornou-se gradualmente a principal necrópole da cidade como um todo. Quando em torno

<sup>4</sup> Sobre as prospecções de superfície como metodologia da arqueologia moderna ver: Florenzano, M.B.B. 'Arqueologia Clássica e Ciências Humanas' em *Anos 90*, v. 17, Porto Alegre, 2002: 13-22.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		11 de 33									

de 600, o grande circuito de Corinto foi construído, ele incluiu casas, oficinas artesanais, santuários e (talvez) campos ou jardins. Mas, a sua necrópole, o cemitério norte, posicionava-se claramente fora dos limites do circuito.

O espaço urbano foi criado no período arcaico e não antes dele. Em seu início, os assentamentos maiores consistiam de terrenos individuais de casas, dispostos quase aleatoriamente. O único foco da comunidade era o santuário central, que no começo devia ser pouco diferente das casas ao seu redor. Assentamentos organizados com algum princípio subjacente, tal como a existência de um eixo, tornaram-se mais comuns no século VII. Tais 'cidades novas' eram, no entanto, pouco mais do que 'aldeias novas', comunidades planejadas que em última instância falharam. Nos assentamentos maiores da velha Grécia, os princípios de desenho urbano tornam-se mais visíveis no final do século VI. Nesse momento, uma cidade devia ter muros, templos e fornecimento de água. O espaço para os mortos devia ser claramente separado daquele dos vivos. Ainda, a cidade tinha que ser mais do que uma área residencial confortável, independentemente da grandeza de seu centro cívico. Muitas das funções políticas dos estados gregos podiam ocorrer igualmente em um santuário. A cidade era também um centro de produção especializada e de troca.

### **3. Urbanismo: produção e comércio**

Os gregos do período arcaico eram produtores consumados de cerâmica. A qualidade da cerâmica pintada grega era inigualável em todo o Mediterrâneo e Próximo Oriente, o que pode ser a causa de sua vasta distribuição. A produção de cerâmica era também muito difundida no Egeu. Estilos regionais atestam o número e a variedade de centros de produção local. Até as fundações relativamente recentes como Tasos (fundada em 650) preocuparam-se em estabelecer seus próprios fornos, alguns dos quais (como o de Fari, na parte sudoeste da ilha) foram estudados recentemente pelos arqueólogos franceses. Os fornos arcaicos de cerâmica são encontrados por todo o Egeu e, no século VII, eles parecem estar direcionados especificamente para a produção local. O forno arcaico recentemente descoberto em Cnossos, por exemplo, parece ter sido dedicado à produção de cerâmica cujo destino era totalmente local. No século VII, apenas o vasilhame coríntio parece ter sido produzido largamente para a exportação.

A cerâmica é, claro, aquilo que melhor sobrevive do mundo antigo. A cerâmica, como já foi dito por Brian Sparkes, era a matéria plástica da

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		12 de 33									

antiguidade (Sparkes, 1991: 1-2). Era barata e podia adequar-se a praticamente qualquer uso. Vasilhas de cerâmica eram usadas para tudo: para cozinhar, para o armazenamento de grãos, para o transporte de produtos em longas distâncias; para servir como vasilhame fino de mesa; para beber e comer. A alta taxa de sobrevivência da cerâmica tenta-nos a exagerar a sua importância econômica em relação às outras mercadorias; mercadorias que permanecerão invisíveis para o arqueólogo por um longo período<sup>5</sup>. Vasilhas de metal de todos os tipos tendem a ser recicladas e provavelmente nunca teremos uma ideia exata do comércio dos têxteis no mundo antigo. A maior parte do comércio na antiguidade provavelmente era feita com esses produtos 'invisíveis', mais particularmente os produtos agrícolas como as azeitonas, o azeite, o vinho e os grãos. Mesmo sendo produtos invisíveis, estes últimos deixaram traços materiais perceptíveis, já que eram transportados em vasilhames especiais, as ânforas. Uma ânfora era quase sempre usada para o mesmo produto: uma vez usada para carregar azeitonas ou azeite, uma ânfora dificilmente seria usada para outra coisa. A distribuição de alguns tipos de ânforas, como por exemplo aquelas chamadas de ânforas 'SOS' fabricadas na Ática e na Eubeia, nos oferece alguma ideia sobre os interesses comerciais dessas cidades no século VII. Infelizmente, por enquanto, a distribuição das ânforas de época arcaica ainda não nos oferece possibilidades de reconstruir com detalhes o padrão comercial do período.

De todo jeito, o volume da produção de ânforas é muito menor quando comparado com a produção de cerâmica fina produzida na Grécia. É a este tipo de cerâmica que temos que recorrer para discernir alguma pista sobre produção e comércio. E isto não se deve ao fato de ser a cerâmica uma mercadoria intrinsecamente valiosa. Vickers e Gill convenceram quase todo mundo de que a cerâmica era muito menos valiosa do que qualquer vasilha de bronze, prata ou ouro. Mas, o comércio da cerâmica deve, sim, ter sido uma atividade bastante lucrativa (Vickers e Gill, 1994: 77-104). Existe alguma documentação epigráfica posterior (época clássica) a respeito dos preços: algumas inscrições nos dão os preços em dracmas ou óbolos para lotes de vasilhas finas de cerâmica. Os preços parecem variar de acordo com o tamanho das vasilhas (uma cratera ou vasilha de misturar o vinho parece que era bem mais cara do que as garrafinhas para conter óleo perfumado como o lécito) e de sua decoração. Uma peça de cerâmica pintada era muito mais cara do que uma sem pintura e sendo mais decorada mais cara era ainda. Tais preços tornaram a exportação de cerâmica um negócio que valia a pena. A ampla distribuição de cerâmica através do

	<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		13 de 33

o mundo mediterrânico comprova que este tipo de vasilhame era mais do que um lastro vendável para as viagens de navio. Especialmente onde há evidências de produção especializada e comércio dirigido.

Um caso que merece atenção é o da oficina de Nicostenes, um ceramista e empresário que trabalhou em Atenas na parte final do século VI. Podemos reconstruir as atividades desta oficina em parte devido à documentação epigráfica (Nicostenes assinava sua cerâmica) e por meio das atribuições feitas por Beazley<sup>6</sup>. A oficina de Nicostenes parece ter empregado ao menos quatro pessoas: dois ceramistas, Nicostenes e Pamfaio, e dois ou, talvez, três pintores de vasilhas. Esta oficina especializou-se em uma gama definida de formas, em especial a 'ânfora nicostênica' que não encontra nenhum paralelo na cerâmica ática e nem mesmo em toda a Grécia (fig. 8.4). Os antecedentes da 'ânfora nicostênica' são encontrados na Etrúria. A Etrúria, com efeito, é o local onde a maior parte dos produtos 'nicostênicos' ia parar. A conclusão parece clara. A oficina de Nicostenes especializara-se em peças para o mercado etrusco. Esta oficina, no entanto, não era a única especializada. Parece que alguns ceramistas e pintores da Quíos arcaica eram especialistas na produção de cálices com inscrições encomendadas e para serem utilizados por ofertantes cujos nomes apareciam inscritos nos vasos, assim como os nomes das divindades a quem estes vasos eram dedicados. Robin Osborne usa este dado para mostrar como havia preferências regionais para cada tipo da cerâmica ática (Osborne, 1996). Podemos dizer que em Tasos, no norte do Mar Egeu, os consumidores de cerâmica não apenas preferiam formas de vasilhas diferentes daquelas preferidas pelos consumidores de Caere (Cerveteri), na Etrúria, mas que também preferiam os produtos de determinados ceramistas e pintores áticos. Este grau de interdependência entre os produtores áticos e os consumidores tásios e etruscos é extraordinário e tem sido tomado como prova de que mercados interdependentes se desenvolveram no mundo mediterrânico no final da época arcaica.

Falar de mercados interdependentes nos leva diretamente à discussão da economia de mercado que seria um verdadeiro teste de urbanismo. Tais questões demandam que examinemos a escala de produção no período arcaico.

<sup>6</sup> Especialista inglês que classificou estilisticamente praticamente toda a cerâmica pintada grega, identificando as várias 'mãos' que as pintaram. N.T.



<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		15 de 33									

portanto, não é relevante para a questão da produção urbana.

Podemos, no entanto, chegar a uma estimativa da proporção de ceramistas/pintores especializados em relação a outros artesãos especializados, contando o número de assinaturas. A partir de inscrições, sabemos os nomes de não mais do que nove escultores da Atenas arcaica, enquanto conhecemos pelo menos 63 ceramistas e pintores de vasos. Portanto, com base neste dado, outros artesanatos como a gravação de gemas, a joalheria e o trabalho dos metais de todos os tipos teriam empregado não mais do que 100 pessoas. Isto nos leva a um cálculo de 400 pessoas mais ou menos, empregadas na produção de um artesanato especializado. Se assumirmos que a maior parte destes artesãos residiam em Atenas (e com certeza o nome do dêmo Cerâmico - Bairro dos ceramistas – isto indicaria), diríamos que eles chegavam a apenas 2% da população total de Atenas no final do século VI (isto, admitindo que nossa estimativa prévia da população ateniense esteja correta). Naturalmente, tendo em vista a quantidade de obras públicas empreendidas por Atenas no final do século VI, podemos admitir que outros 400 homens deviam ter estado envolvidos em construção de algum tipo. Mas, obras públicas são consequência do desenvolvimento urbano, enquanto a especialização de artesanato e o comércio podem ser entendidos, de certa forma, como sua causa. A produção artesanal pode ter envolvido apenas uma pequena proporção da população ateniense durante o período arcaico.

Deve-se considerar também que a produção artesanal na Grécia arcaica não era simplesmente o resultado de trabalho especializado e sofisticado; no final do século VI, essa produção era também, em certa medida, industrializada. O bairro dos ceramistas em Corinto equivalia ao Cerâmico ateniense, uma área dedicada à produção de vasilhames e coroplastia de todo tipo. As escavações aqui, nos anos de 1940, desvelaram o que apenas pode ser descrito como uma grande oficina ou uma pequena fábrica de estatuetas de argila, que eram produzidas em grande número a partir de moldes de argila ou de pedra. Técnicas semelhantes parecem ter sido usadas na produção dos vasos plásticos coríntios no formato de cabeças. Grande habilidade era necessária para fazer os moldes, mas muito menos habilidade era requerida para fazer as figurinhas de terracota ou os próprios vasos com forma de cabeça. Isto significa uma aplicação elementar do princípio da produção em massa, princípio que se tornou muito mais difundido no período helenístico (quando a cerâmica feita a partir de moldes se torna muito mais abundante). É claro que a produção de estatuetas de terracota tinha uma importância muito menor do ponto de vista econômico do que a produção de cerâmica e, assim, esta última permaneceu como uma atividade realizada em

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		16 de 33									

pequenas oficinas até o final do período clássico.

A produção artesanal e o comércio de longa distância, podem ter sido apenas um fator secundário para o crescimento das cidades. Será que as cidades cresceram por razões sociais, culturais e políticas tanto quanto por razões econômicas? Apesar de a ‘cidade consumidora’ ser um conceito que foi muito aplicado nas discussões sobre o urbanismo antigo ele é pouco relevante para o período arcaico. Uma ‘cidade consumidora’ é uma área residencial da elite ociosa, que pode dar-se ao luxo de gastar suas entradas provenientes da produção agrícola na ostentação de riqueza. As ‘cidades consumidoras’ tendem, então, a ser repletas de casas bem construídas, ricamente decoradas. Isto não é algo que encontramos, assim como também não encontramos qualquer outro traço arqueologicamente óbvio de uma elite ociosa que residisse nas cidades arcaicas. Será então que os assentamentos tornaram-se cidades por razões *políticas*? Afinal, cidades eram os centros das *póleis* e a pólis era o centro do poder.

#### 4. Hoplitas, cemitérios e cidadãos

Acidade (pólis) era seus cidadãos – ao menos esta era a teoria que vigorava em época clássica. Poderíamos traçar as origens dessa ideia – o estado dos homens cidadãos – no registro arqueológico? Há pouco tempo atrás acreditava-se que sim e que as origens da ideia de cidadania era, em parte, militares. Na época clássica a participação na marinha da cidade ou no seu exército era uma das principais condições da cidadania. Os cidadãos espartanos – os *spartiatai* – formavam a elite nuclear de seu exército de hoplitas, enquanto em Atenas (com sua maior liberdade), até mesmo os cidadãos mais pobres podiam servir como remadores em suas trirremes. Assim parecia existir uma forte correlação entre o tipo de guerra praticado por um estado, a constituição desse estado e a extensão das liberdades políticas. Nos séculos V e IV, os exércitos hoplitas mais eficientes eram colocados em campo pelas oligarquias tais como Esparta e Tebas. Uma oligarquia é uma forma de estado cidadão mais restrita e talvez mais primitiva do que a democracia de Atenas.<sup>7</sup> Será então que não poderíamos encontrar as origens da cidadania no desenvolvimento das formas de guerrear? Afinal, na falange hoplita, os homens podem lutar juntos como uma unidade, cada um dependendo do outro, cada um igual ao seu vizinho; e esta experiência poderia

<sup>7</sup> O autor assume que a democracia se encontra em um estágio ‘evolutivo’ ‘superior’ em relação à oligarquia o que, como sabemos, é uma postura tradicional que não ajuda muito a nossa compreensão de uma sociedade tão multifacetada quanto a grega. N.T.

estimular um sentido de igualdade, de objetivo comum, de identidade comum, ao menos entre aqueles capacitados de manter seu próprio equipamento. Tal identidade romperia com os laços de parentesco e, assim, estimularia uma solidariedade orgânica necessária a um estado em fase de formação. Além disso, o poder político deriva da participação militar. E, assim, o desenvolvimento da falange hoplita poderia anunciar o aparecimento da pólis.

Nós podemos certamente traçar o desenvolvimento do equipamento hoplita no registro arqueológico e com alguma precisão. Os hoplitas do período arcaico tardio e do início do clássico equipavam-se com um elmo bem fechado, uma couraça de bronze (ou lâmina peitoral), uma lança com ponta de bronze, um escudo grande e redondo, uma espada de ferro e perneiras de bronze. O hoplita era um soldado de infantaria pesada e as táticas hoplitas no período arcaico tardio demandavam que os guerreiros lutassem em formação fechada *en masse*. A figura 8.5 mostra um prato de Kameiros em Rodas com a imagem de dois guerreiros.

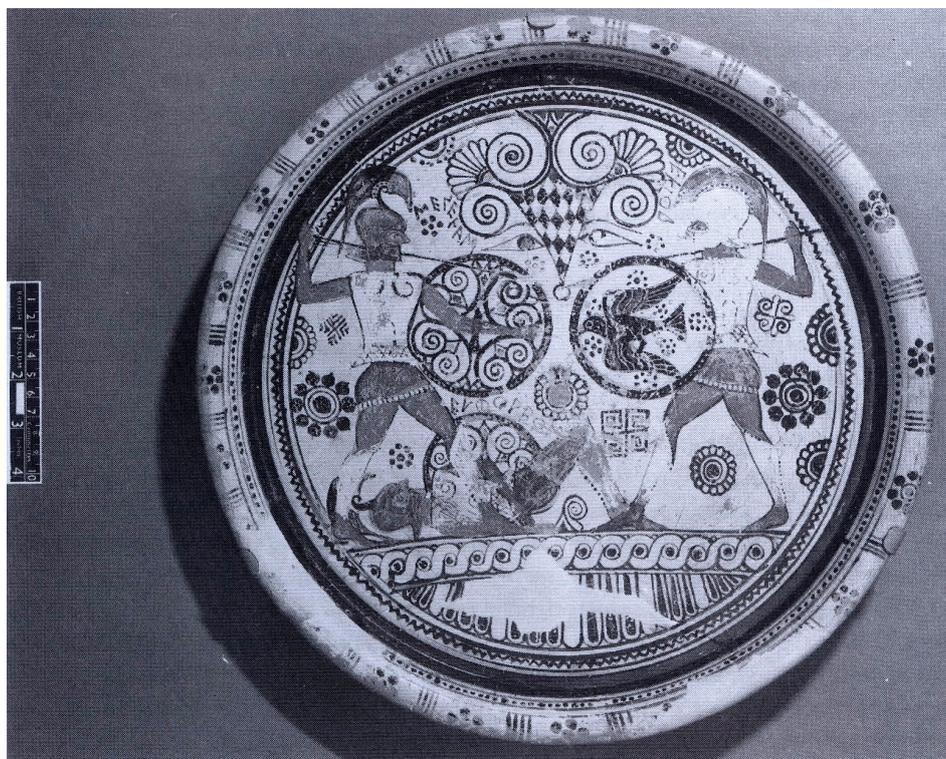


Fig. 8.5 Prato de Kameiros em Rodas, mostra hoplitas guerreando

Estes – Menelau e Heitor – parecem estar duelando, como os heróis deviam mesmo fazer, mas estão equipados com a panóplia completa dos hoplitas. A data deste prato (c. 600) pode ser tomada como um *terminus ante quem* para

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		18 de 33									

o desenvolvimento do equipamento hoplita. Além disso, muitos dos itens que aqui são representados não são encontrados na Idade do Ferro mais antiga. Armas de ferro, especialmente espadas e lanças, são encontradas em túmulos de guerreiros tais como aquele escavado no Areópago em Atenas; e os tipos de espadas (Naue II) encontrados em tais túmulos pouco diferem daqueles usados no período arcaico. Mas, armaduras são raras. Alguns tipos de armaduras certamente existiram na Idade obscura – há alguns achados isolados de elmos, perneiras e pequenos botões de escudo (frequentemente com protuberâncias centrais), são bastante comuns no cemitérios do Cerâmico e em outros cemitérios também. Não há nada aqui a contradizer a impressão que no início da Idade do Ferro, a guerra consistia de uma ‘escaramuça frouxa e desorganizada’ (Snodgrass, 1964: 189).

Esta impressão é reforçada pelo exame preliminar das cenas de luta na cerâmica geométrica ática (média e recente). As mais antigas cenas de luta, em um esquifo de Elêusis, parecem representar exatamente este tipo de escaramuça. A luta parece ser uma questão de duelos entre guerreiros individuais. Mas, podemos estar aqui correndo o risco de cometer um erro crasso: ler uma imagem como um reflexo direto da realidade. Os pintores dessas imagens podem simplesmente ter tido a intenção de representar cenas de combate individual. Se assim o for, o que eles retratam pode ser o que viram, experimentaram ou ouviram falar. Mas eles podem muito bem ter tido a intenção de retratar cenas de mitos, nas quais, como no prato de Kameiros, a natureza do herói de lutar homem a homem é marcada. Ou pode ter acontecido de o pintor não ter muita habilidade para pintar cenas mais complexas, constrangido como estava em seguir as convenções da época. As cerâmicas de época geométrica mostram, ainda, algumas cenas que contradizem a hipótese de ser a guerra apenas umas escaramuças: são as representações de guerreiros em filas, todos aparentemente equipados da mesma forma. A figura 8.6, uma cratera do período geométrico médio II, mostra tal cena. Ao final do século VIII, tal como representado em pelo menos uma ânfora do período geométrico tardio II, estes guerreiros parecem estar armados com escudos redondos, nada diferentes daqueles usados pelos hoplitas.

Entretanto, devemos ser cautelosos na leitura de cenas desse tipo. Isto não apenas porque estas cenas eram regidas por convenções que não entendemos completamente mas, também, porque com frequência não sabemos o que estava realmente sendo representado. Algumas imagens – em particular o ‘escudo *dípylon*’ – desafiam uma interpretação mais fácil. Os que tentam usar as imagens do século VIII, como fornecedoras de pistas importantes sobre a guerra

de infantaria, também relutam em interpretar as cenas de carros como evidência de que o uso dos carros de guerra de tipo homérico vigorava ainda no século VIII. Evidências mais concretas das mudanças nas armas e nas armaduras provêm de achados nos túmulos e santuários. O túmulo de guerreiro T45 de Argos, datado do século VIII, por exemplo, está mobiliado não apenas com armas, mas com armaduras magníficas de bronze (fig. 8.7). A couraça, em particular, parece quase idêntica às representações nos vasos do século VII. Esta forma vai permanecer praticamente imutável durante todo o período arcaico. O elmo, entretanto, é estranho.



Fig. 8.6 Cratera do Geométrico Médio da Ática

Asua crista alta implica que ele nunca pode ser usado em batalha – é muito pesado. O próprio elmo é de um tipo que também é achado em Olímpia – o *Kegelhelm* – e que não parece ultrapassar o século VIII. Logo depois disto, o verdadeiro elmo hoplita, elmo coríntio bem fechado, se desenvolve e é achado em depósitos de santuários em Delfos e em outras partes a partir do século VII (fig. 8.8). Entretanto, apenas durante o século VII – e bem andado – é que encontraremos

perneiras ou escudos redondos em Olímpia em alguma quantidade. O escudo grande e redondo era o elemento principal para o desenvolvimento das táticas hoplitas de combate. A sua ausência antes de 700 provê, assim, um *terminus post quem* para o surgimento da falange hoplita.



Fig. 8.7 Helmo e couraça da tumba T.45 de Argos, a 'sepultura do guerreiro de Argos'

Fig. 8.8 Helmo de estilo corintio de Olímpia, início do século VII

Para algum indício sobre as táticas, temos que voltar para as imagens da cerâmica pintada. As imagens do início do século VII, tal como aquela em um aríbalo do proto-coríntio médio, achado no Lechaion, parecem indicar que o combate individual e as escaramuças ainda eram a norma. Nem o equipamento dos guerreiros, nem suas táticas parecem estar padronizadas. Em meados do século VII, entretanto, o vaso Chigi nos oferece um ícone poderoso da falange hoplita (fig. 8.9).



<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		22 de 33									

do século VII. É, porém, difícil aceitar que o surgimento das táticas hoplitas foi uma causa imediata da mudança constitucional. A experiência de lutar com seu igual na falange pode, sem dúvida, ter ajudado a estimular a noção de igualdade entre os membros da mesma classe hoplita. Mas, pode ter sido isso a causa única ou principal de tal transformação?

Outro tipo de documentação bem diferente foi examinado com o intuito de mostrar que ideias de igualdade (ou de 'direitos iguais' – isonomia) eram correntes na história da Grécia em uma data muito recuada: os enterramentos e os cemitérios. A documentação dos cemitérios pode ser olhada a partir de um leque muito amplo de perspectivas, mas apenas duas são importantes aqui. Em primeiro lugar, podemos estimar, aproximadamente, a riqueza dos túmulos (seja medida por meio do mobiliário fúnebre seja por meio da energia total empregada para a construção do túmulo) e, assim, o grau de disparidade entre a riqueza dos túmulos mais ricos e dos mais pobres. Em segundo lugar, podemos ter acesso à proporção representada pelos túmulos escavados em relação à população em geral. Um cemitério representativo é aquele que inclui todos os mortos, de todas as idades e sexos, em proporções que seriam compatíveis com os índices prováveis de mortalidade em sociedades pré-modernas. É claro que a documentação que sobrou dos túmulos de Atenas chegou até nós por meios variados e aleatórios. Mas a quantidade expressiva de enterramentos resgatada e outras escavações feitas nos últimos quarenta anos apontam para uma amostragem bastante representativa do total da população.

De acordo com Ian Morris, os cemitérios áticos são bem pouco representativos da população da primeira Idade do Ferro e dos séculos VII e VI. (Morris, 1987). Em seus cálculos, o número dos enterramentos por ano atingem dois picos: um no final do século VIII, e outro no final do século VI e início do V (fig. 8.10).

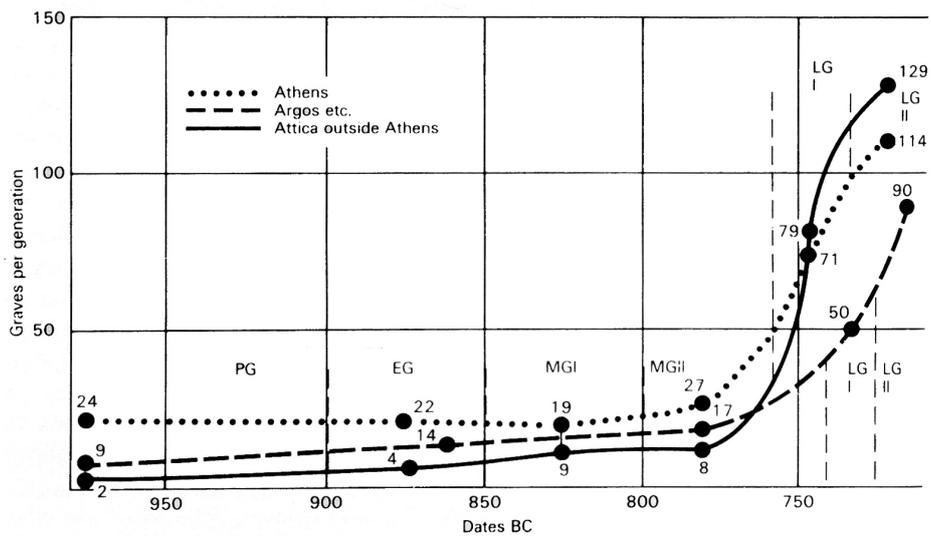
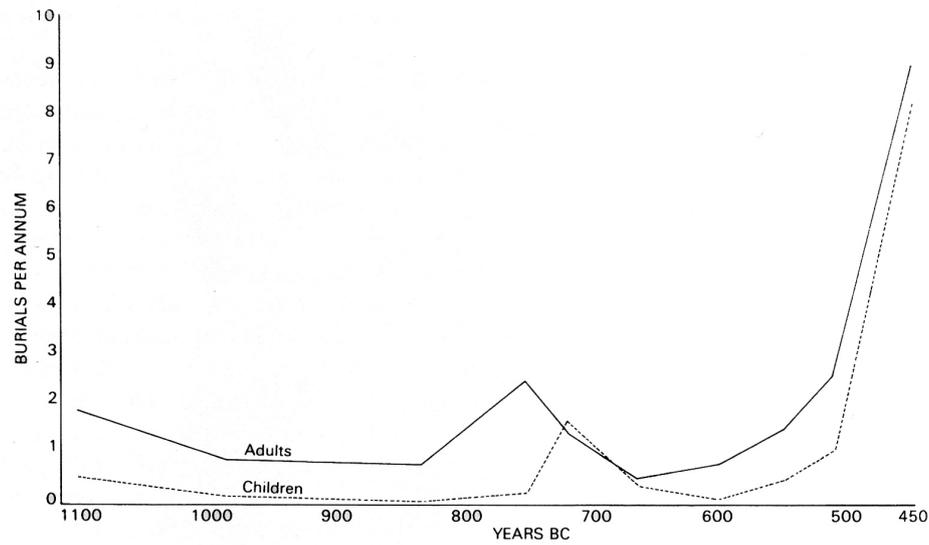


Fig. 8.10 Diagrama do número de sepulturas na Ática

Uma explicação comum para isto seria interpretar os picos como reflexos de flutuações da população de Atenas. Mas, é difícil acreditar, por uma série de razões, que Atenas fosse um lugar maior no século VIII, do que durante a época de Pisístrato; e isto é o que estes números indicam. Além disso é estranho que a taxa de enterramentos de crianças seja tão variável. No século IX, os túmulos de crianças praticamente desaparecem e isto não deve ser devido a uma taxa inferior de mortalidade infantil. Morris propõe uma explicação diferente: em certos períodos (no século VII, por exemplo) tanto o costume quanto a ideologia ditavam que as pessoas fossem efetivamente excluídas de um enterramento

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		24 de 33									

formal. Nesta época, algumas formas de enterramento (tal como cremação embaixo do túmulo) eram reservadas a pessoas importantes. Em outras épocas, as práticas funerárias eram mais inclusivas. Crianças e adultos eram aceitos pela comunidade dos mortos e todas as classes de idade e sexo estão representadas nos enterramentos resgatados. O segundo pico de inclusão nos enterramentos formais coincide, e isto é notável, com o período logo depois das reformas democráticas de Clístenes. Será a inclusão um sintoma de democracia ou em última análise de uma ideologia igualitária? Morris observa que tanto no final do século VIII, quanto no início do V, há muito menos diferença na riqueza dos túmulos do que em outras épocas. Marcadores tumulares ostensivos de mármore foram um traço do século VI que não persistiu no V. Marcadores tumulares elaborados e de cerâmica (fig. 8.6) e parafernália funerária, como diademas de ouro, eram mais comuns no início do século VIII. Tais túmulos aristocráticos tornam-se menos comuns no período geométrico tardio II, quando a maior parte dos túmulos adultos eram inumações mobiliadas, sobretudo, com vasilhas de cerâmica.

Morris argumenta ainda que o registro dos enterramentos do final do século VIII, em Atenas, apresenta um modelo de enterramento que se aplica a outras áreas da Grécia. Nesse padrão, todas as classes de idade e sexo estão representadas nos registros funerários; crianças estão incluídas, mas há, em geral um costume diferente para o enterramento infantil (feito em geral em pitos); e não há grande disparidade de riqueza nos enterramentos adultos, que são em geral inumações. Certamente, o cemitério norte de Corinto adequa-se amplamente a este padrão. Túmulos do final do século VIII e do século VII são, aqui também, inumações e tanto os mais pobres quanto as crianças estão bem representados. Mas, este padrão também é detectado no cemitério de Vroulia, em Rodas. O ‘forte princípio de igualdade’, proposto por Morris, pode bem ter estado em funcionamento também nesta comunidade, cujo *layout* arquitetônico antecipa os planejamentos urbanos da Grécia clássica. Vroulia, no entanto, era muito pequena e foi muito efêmera para ser considerada uma pólis e, muitos estados gregos arcaicos parecem ter sido verdadeiras estruturas de poder sem obedecer estes princípios ‘democráticos’.

Os enterramentos podem ainda fornecer indicações sobre a formação da pólis de outras maneiras. Um dos traços mais característicos das práticas funerárias da primeira Idade do Ferro era o ‘enterramento do guerreiro’: enterramento masculino com armas. Este ‘ritual de enterramento de armas’ desaparece com uma rapidez incrível da Grécia central durante os séculos VIII

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		25 de 33									

e início do VII. A deposição de armas em túmulos decresce inicialmente em Atenas enquanto em Argos continua sendo comum. Os túmulos do século VII, de guerreiros argivos são, no entanto, difíceis de achar. Os últimos ‘enterramentos de guerreiros’ na Grécia central são aqueles que foram encontrados na porta ocidental de Erétria e que não são mais recentes do que 680. O ‘ritual de enterramento de armas’ persiste em outras áreas da Grécia, particularmente, em áreas onde outras formas de organização política prevalece como por exemplo o *éthnos* ou a monarquia territorial. Além disso, o desaparecimento do ‘enterramento do guerreiro’ na Grécia central coincide com o declínio da moda de portar armas em público naquela região. Representações de homens carregando espadas são comuns nos vasos áticos pintados do século VIII. E são consideravelmente menos comuns no século VII e em meados do século VI, os homens são representados levando uma lança mas não a espada. A lança permanece como o atributo principal dos homens até meados do século VI, quando os homens passam a ser representados carregando um único bastão, ou ainda, mas com menor frequência, um elaborado guarda-sol. Hans Van Wees acredita que estas mudanças na representação significam que as armas tinham um papel cada vez menor na vida civil na Grécia central, em época arcaica. Parece que portar armas deixou de combinar com o modo de vida civil mais ocioso. Fora da falange hoplita, portar armas em público e civilização não se misturavam (Van Wees, 1998).

Tudo isso sugere que o desenvolvimento de uma ‘sociedade civil’ foi um processo gradual que culminou no século VI. Em vez de ter surgido abruptamente no século VIII, a pólis foi se desenvolvendo aos poucos durante toda a época arcaica. Mas, esta visão gradualista é justificável? E será que ela se sustenta diante da última peça de documentação que vamos examinar, as inscrições, i.e., o documento material que registra a escrita colocada à serviço da pólis?

## **5. As leis escritas e as moedas cunhadas: a pólis e a ágora**

Quando os gregos adotaram o alfabeto um pouco antes de 750, eles colocaram esta nova tecnologia a serviço de vários usos. Em resumo, poemas foram incisos na cerâmica; elogios sexuais eróticos aparecem inscritos na rocha do lado de fora do principal assentamento (Sellada) da ilha de Tera; grafites são usados para marcar propriedades; dedicatórias são inscritas para os deuses nomeando tanto o deus, quanto quem dedica; e, a partir de meados do século VII, rótulos pintados são usados para esclarecer as cenas narrativas dos vasos

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		26 de 33									

pintados. Todas estas inscrições são pessoais, os nomes estão quase sempre presentes e muitas inscrições parecem ser o produto de diálogos entre um aristocrata e outro. Levou ainda cem anos para a escrita começar a ser usada a serviço da pólis. A primeira lei atestada arqueologicamente provém de Dreros, na ilha de Creta (fig. 8.11).

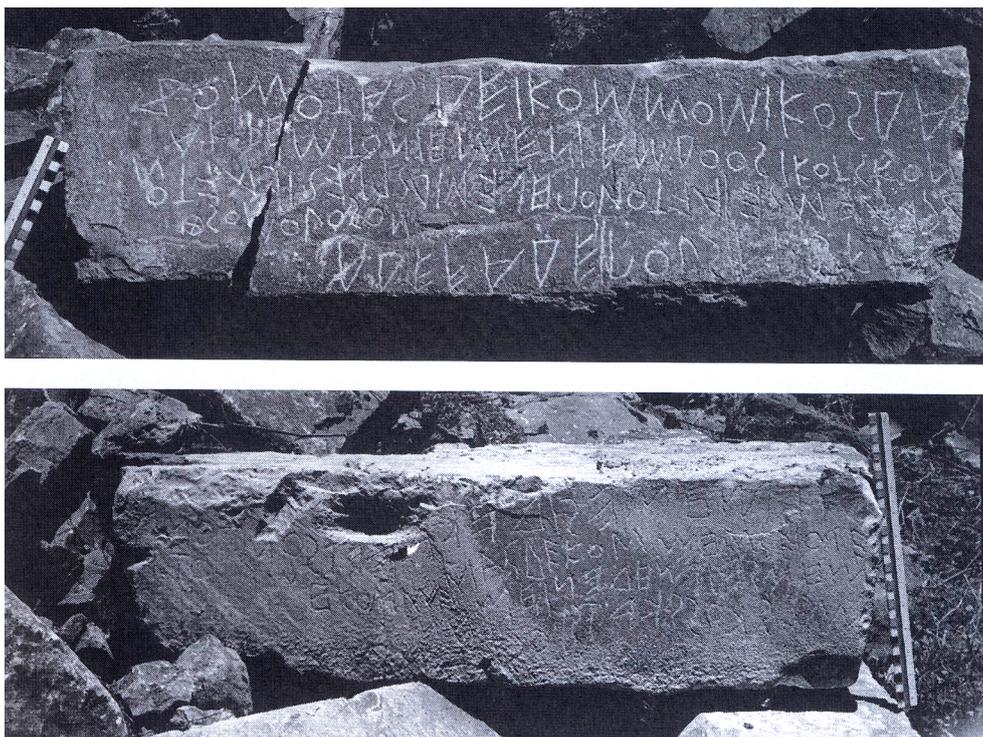


Fig. 8.11 Código de Leis de Dreros

Ela foi encontrada em um lugar que se acredita fosse um espaço público (ágora), próximo do templo de Apolo e próximo de outras inscrições contemporâneas, é datada de 650. Esta inscrição foi gravada no formato *boustrophedón*, que é quando as palavras são incisas da mesma maneira que os caminhos que tomam os bois quando aram a terra, alternativamente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. O conteúdo da lei é simples: regula os termos da função da principal magistratura desta pequena cidade, o *kósmos*, e prescreve que ninguém pode ser reconduzido até pelo menos dez anos depois do cargo. Trata-se de um documento eminentemente republicano e também impessoal. Nenhum nome é mencionado; só as instituições são importantes. A lei de Dreros oferece uma prova concreta de que alguma coisa como uma constituição republicana (*politeía*) já estava em funcionamento em várias cidades na Grécia no século VII.

Até recentemente, acreditava-se que lei e literalidade juntas tinham sido

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		27 de 33									

responsáveis por colocar a Grécia arcaica no caminho da democracia. O alfabeto tornou a escrita uma habilidade, pelo menos em teoria, acessível a todos. A escrita das leis colocava as mesmas no domínio público ao mesmo tempo que as tornava passíveis da crítica de todos que soubessem ler, de emendas e de melhorias. Entretanto, estudos recentes têm colocado algumas dúvidas a respeito deste relacionamento tão simplista. Não está claro porque algumas leis foram escritas e outras simplesmente permaneceram não escritas. As primeiras leis escritas parecem dizer respeito principalmente a questões de procedimentos que afetavam apenas uma elite minoritária que era a eleita para os cargos públicos. Creta, a ilha onde foi encontrada a maioria das primeiras inscrições legais é uma região cujo desenvolvimento tomou uma rota decididamente estranha a partir do século VI. Se quisermos conhecer o significado mais amplo da legislação escrita, temos que nos voltar para outras áreas da Grécia.

Outra lei antiga foi encontrada inscrita em uma pedra de Quios e é datada dos anos em torno de 575 – 550. Ela não possui um contexto arqueológico preciso. Como na lei de Deros, entretanto, esta inscrição diz respeito à definição e limitação de poderes dos magistrados. O seu tema é o procedimento judicial e menciona uma corte de apelação escolhida pelo povo, o dêmo. É portanto, um regulamento de procedimento, delineando como as coisas devem ser feitas e não o que deve ser feito.

A menção ao dêmo convida à discussão sobre a democracia, a forma política que se desenvolveu em Atenas (e talvez em outros lugares) no período arcaico tardio. Sabemos, a partir de documentos literários, que várias leis foram escritas em Atenas no final do século VII. A lei de Drácon sobre o homicídio foi seguida por várias leis de Sólon, as quais – como ele mesmo disse – foram por ele escritas. Mas os *áxones* e *kyrbeis* – a forma material original dessas leis<sup>8</sup> – não sobreviveram, apesar de que a lei sobre o homicídio de Drácon foi reinscrita mais tarde no século V. A julgar pelo número de inscrições formais que sobreviveram, Atenas no século VI era uma comunidade em que as habilidades ligadas à escrita parecem ter sido amplamente difundidas. Aqui, mais que em outros lugares, a lei escrita deveria ter um efeito democratizador. Talvez tivesse, mas é estranho que Atenas não tenha se preocupado em monumentalizar suas leis até o finalzinho do século VI. Foi apenas depois de 520, que as inscrições públicas de qualquer tipo foram encontradas em Atenas. Estas incluem algumas leis e decretos, mas também outros tipos de inscrições como os *hóroi* ou

<sup>8</sup> *áxones* (plural de *axón*) eram tabuinhas de madeira para inscrições; *kyrbeis* (plural de *kyrbis*) era uma mesa em forma de pirâmide que girava em torno de um pivô para a inscrição de leis. N.T.



ágora anterior em Atenas pode ter existido abaixo da acrópole. Esta ágora do século VI, em Atenas, também não é a primeira ágora planejada do mundo grego: esta honra cabe à ágora de Mégara Hibleia. Mas a de Atenas é a primeira ágora, de qualquer tamanho que seja, que foi implantada nas cidades mais antigas e maiores da Grécia central. A criação de uma ágora desta escala representa uma decisão consciente de criar um espaço urbano. Previamente as únicas áreas dentro de um assentamento reservadas para a comunidade como um todo eram os santuários. A ágora de Atenas devia servir a duas funções não preenchidas por um santuário: a função de centro cívico, centro da vida e da política públicas e a função de mercado.

Mercados são lugares onde as mercadorias são trazidas, vendidas e compradas, de preferência usando-se um meio padronizado de troca. É provável que pesos padronizados de ouro e de prata serviram a estas funções durante toda a parte inicial do período arcaico.

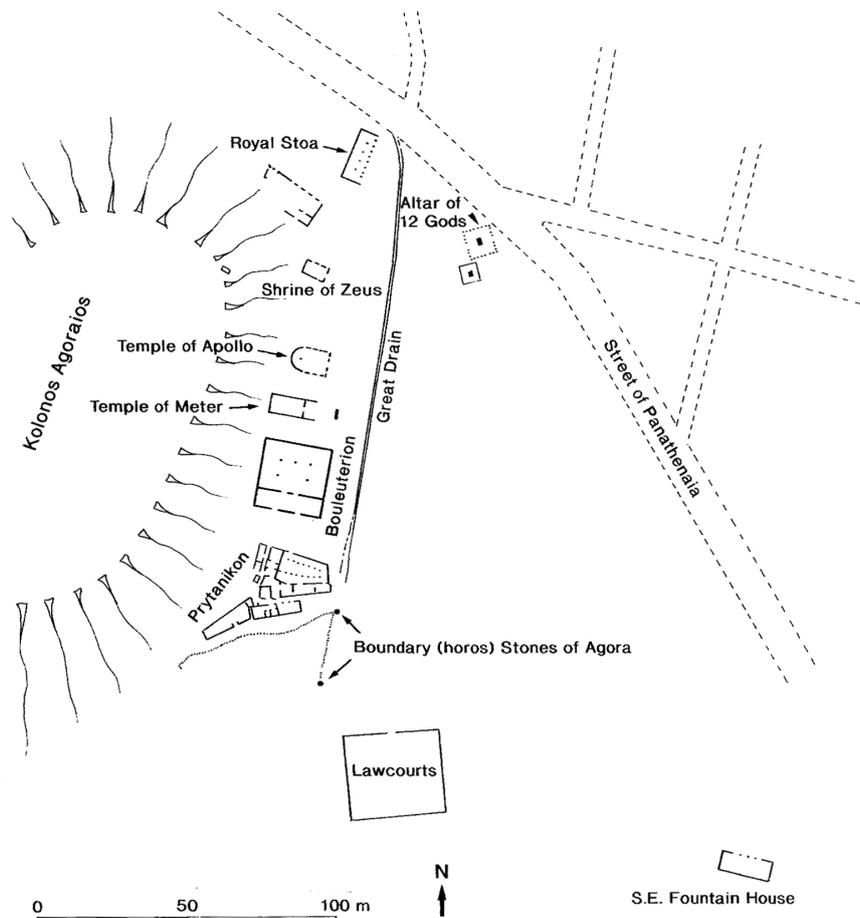


Fig. 8.13 Planta da Ágora ateniense c. 500 a.C.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		30 de 33									

As primeiras inscrições mencionam multas em ‘estateros’, o que pode significar isto. No século VI, tais padrões de peso assumiram um novo formato: cunhagem de moedas.<sup>9</sup> De acordo com Heródoto, a cunhagem de moedas foi inventada pelos lídios que formaram um reino poderoso na Ásia Menor ocidental. A história de Heródoto foi confirmada pelo achado das primeiras moedas no interior do que parece ser o depósito de fundação do Artemísion arcaico tardio de Éfeso, cuja construção teria começado em torno de 560. A cunhagem lídia deve ser uma invenção do final do século VII e não mais antiga do que isso. Estas moedas lídias eram fabricadas de eletro, uma liga natural de ouro e prata comum nessa região. As moedas são apenas uns pedacinhos de metal com carimbos muito simples. Tais moedas não parecem ter circulado muito amplamente e certamente não além do território sob o domínio do rei lídio. Há uma razão para isto. No interior de seu reino o simples carimbo na moeda seria garantia suficiente do valor do metal. Fora desse território, no entanto, onde a autoridade do rei já não servia, teria sido impossível calcular as proporções relativas de ouro e prata em cada moeda e traduzir seu valor como moeda para pesos standardizados.

Quando as cidades gregas, como Focéia na Jônia começaram a bater suas próprias moedas, o fizeram em prata e escolhiam seu próprio padrão de peso. Já que o valor dependia do peso muito mais do que do carimbo, as moedas podiam ser usadas entre duas cidades que possuíam padrões de peso diferentes, desde que se tivesse uma balança confiável para pesar cada uma. E mais ainda, a variação dos padrões de peso e o fato de que, na maioria das vezes, as moedas eram emitidas em grandes denominações, indica uma preocupação na facilitação do comércio de longa distância. A invenção da moeda não levou necessariamente a uma economia monetarizada na Grécia arcaica. Mesmo assim, em torno de 480, a maioria das *póleis* do mundo grego (com a exceção importante de Esparta) cunhavam suas próprias moedas. Seus desenhos eram muito individualistas. Ninguém podia duvidar de que uma ‘tartaruga’ era egineta (fig. 8.14); que a ‘coruja’ era ateniense e que a Aretusa vinha de Siracusa. É difícil resistir à tentação de concluir que as moedas serviam mais como emblema da identidade e autonomia das *póleis*, do que como meio de troca. As moedas são, portanto, um sinal de que as *póleis* tinham surgido. Mas permanecem mais como símbolo potente de uma ideia política – o estado cidadão autônomo –, do

<sup>9</sup> Em toda esta parte relativa à ágora como mercado e à cunhagem de moedas, o autor apresenta uma posição bastante ultrapassada pelos recentes estudos tanto espaciais quanto numismáticos. Para o debate mais atualizado sobre estas questões ver: Meadows, A. e Shipton, K. *Money and its uses in the Ancient Greek World*, Oxford University Press, 2001 e em português Florenzano, M.B.B. *Entre reciprocidade e mercado: a moeda na Grécia antiga* (tese de livre-docência, MAE/USP, 2001).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		31 de 33									

que como uma indicação de um novo tipo de sociedade urbana, fundamentada em um novo tipo de instituição política, o mercado.



Fig. 8.14 *Statér* de Egina, ou 'tartaruga'

A difusão tão rápida da cunhagem de moedas pelo mundo grego no final do período arcaico pode ser vista como um exemplo cabal da 'interação de unidades sociopolíticas paritárias' (*peer polity interaction*). A rivalidade entre estados também assumiu formas mais caras – o período arcaico tardio é o grande momento do templo monumental. Mas, seria errôneo abordar a monumentalidade como um simples efeito da competição entre estados. Ao contrário, ela está relacionada a outras formas culturais, tais como a arte narrativa, que examinaremos no próximo capítulo.

### Referências Bibliográficas:

BERNAL, M.

1987. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. London, Vintage Books.

EHRENBERG, V.

1937. When did the polis rise? In: *Journal of Hellenic Studies* 57: 147-59.

FISHER, N. E VAN WESS, H.

1998. *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. London, Duckworth.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca		32 de 33									

LANG, F.

1996. *Archaische Siedlungen in Griechenland: Struktur und Entwicklung*. Berlin, Akademie Verlag.

MORRIS, I.

1987. *Burial and Ancient Society: The Rise of Grek City-State*. Cambridge, Cambridge University Press.

MURRAY, O. e PRICE, S.

1990. *The Greek City: From Homer to Alexander*. Oxford, Clarendon.

OOSBORNE, R.

1961. Pots, Trade and the Archaic Greek economy. In: *Antiquity 70*: 31-44.

RENFREW, C.

1975. Trade as action at a distance: questions of integration and communication. In: J.A. Sabloff and C.C. Lamberg-Karlovsky (eds.): *Ancient Civilization and Trade*. Albuquerque, University of New Mexico Press: 3-59.

1986. Introduction: peer polity interaction and socio-political change. In: Renfrew, C. e Cherry, J.F (eds.): *Peer Polity Interaction and Socio-Political Change*. Cambridge, Cambridge University Press.

RUNCIMAN, W.G

1990. Doomed to extinction: the *polis* as an evolutionary dead end. In.: Murray, O. e Price, S (eds.): *The Greek City: From Homer to Alexander*. Oxford, Clarendon: 347-67.

SNODGRASS, A. M.

1964. *Early Greek Armour and Weapons*. Edinburgh, Edinburgh University Press.

1980. *Archaic Greece: The Age of Experiment*. Berkeley and Los Angeles, University of Califórnia Press.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A Cidade, o Estado e a Pólis</b>	Fev / 2010
labeca	33 de 33										

1986. Interaction by design: the Greek city state. In.: Renfrew, C and Cherry, J.F (eds.): *Peer Polity Interaction and Socio-Political Change*. Cambridge, Cambridge University Press: 47-58.

SPARKES, B.

1991. *Greek Pottery: An Introduction*. Manchester, Manchester University Press.

VAN WESS, H.

1998. Greeks bearing arms: the state,, the leisure class, and the display of weapons In.: Fisher, N e Van Wess, H. (eds.) *Archaic Greece*: 333-78.

VICKERS, M e GILL, D.

1994. *Artful Crafts: Ancient Greek Silverware and Pottery*. Oxford, Clarendon.